

TRADUÇÃO

Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão

Betrachtung eines Jünglings bei der Wahl eines Berufe

Trabalho original:
MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Werke. Band 40. Berlin, 1968. [domínio público]

Tradutor:
Carlos Eduardo Nogueira Facirolli
Graduação em andamento em Filosofia (2010). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, SP – Brasil.

Karl Marx

A própria natureza determinou a esfera de atividade em que o animal deve se mover, e ele se move pacificamente dentro dessa esfera, sem tentar ir além dela, sem sequer suspeitar de qualquer outra. Para o homem, também, a Deidade deu um objetivo geral, o de enobrecer a humanidade e a si mesmo, mas ela deixou o homem procurar os meios pelos quais esse objetivo pode ser alcançado. Ela o deixou escolher a posição na sociedade mais adequada a ele, a partir da qual este pode elevar melhor a si próprio e a sociedade.

Essa escolha é um grande privilégio do homem sobre o resto da criação, mas, ao mesmo tempo, é um ato que pode destruir toda a sua vida, frustrar todos os seus planos e torná-lo infeliz. A consideração séria desta escolha, portanto, é certamente o primeiro dever de um jovem que está começando sua carreira e não quer deixar seus assuntos mais importantes ao acaso.

Todo mundo tem um objetivo em vista, que ao menos a cada um parece grande, e que é mesmo grande se a convicção mais profunda, a voz mais íntima do coração assim o chama, pois a Deidade nunca deixa o mortal homem sem um guia; Ela fala suavemente, mas de modo seguro.

Mas essa voz pode ser facilmente calada, silenciada, e o que tomamos por inspiração pode ser o produto do momento, que outro momento talvez possa também destruir. Nossa imaginação é, em certos momentos, incendiada, nossas emoções excitadas, fantasmas pairam diante de nossos olhos, e com desejo e ímpeto colidimos com o objetivo, que suspeitávamos que nos fora mostrado pela própria divindade. Mas o que abraçamos ardentemente logo nos repele e vemos toda a nossa existência em ruínas.

Devemos, portanto, examinar seriamente se de fato nos inspiramos na nossa escolha de uma profissão, seja ela uma voz interna que a aprova, seja essa inspiração uma ilusão, e o que tomamos por ser um chamado da Deidade foi autodecepção. Mas como podemos reconhecê-lo, exceto pelo rastreamento da fonte da própria inspiração?

O que é grande brilha, o que brilha excita a ambição, e a ambição pode facilmente ter produzido a inspiração ou o que tomamos por tal; mas, quem foi chamado pela fúria da ambição não pode mais ser movido pela razão e se afunda em direção àquilo a que o impulso impetuoso o chama: ele não escolhe mais para si mesmo sua posição, mas o acaso e a aparência o determinam.

Nem somos chamados a adotar a posição que nos oferece as oportunidades mais brilhantes; ela não é a que, na longa série de anos em que talvez possamos mantê-la, nunca nos cansará, nunca diminuirá nosso zelo, nunca deixará nosso entusiasmo ficar frio, mas aquela na qual logo veremos nossos desejos insatisfeitos, nossas ideias insatisfeitas, e nos revoltaremos contra a Deidade e amaldiçoaremos a humanidade.

Mas não é apenas ambição que pode despertar entusiasmo súbito por uma determinada profissão; talvez possamos tê-la adornado em nossa imaginação, e fantasiado tanto com ela que esta aparece como a melhor que a vida pode oferecer. Nós não a analisamos, não consideramos todo o fardo, a grande responsabilidade que ela nos impõe; nós a vimos apenas a distância, e a distância engana.

Nossa própria razão não pode ser conselheira aqui; pois não é apoiada nem pela experiência nem pela observação profunda, sendo enganada pela emoção e cegada pela fantasia. A quem, então, devemos voltar nossos olhos? Quem deve nos apoiar onde nossa razão nos deixa?

Nosso coração chama nossos pais, que já viajaram pela estrada da vida e experimentaram a gravidade do destino.

E se, então, o nosso entusiasmo ainda persistir, se ainda continuarmos a amar uma profissão e acreditarmos em nossos próprios chamados em direção a ela depois de examiná-la com sangue frio, depois de ter percebido os fardos e familiarizar-nos com suas dificuldades, devemos então adotá-la, desse modo nem nosso entusiasmo nos engana, nem a precipitação nos desequilibra.

Mas nem sempre podemos alcançar a posição para a qual acreditamos que somos chamados; nossas relações na sociedade já começaram a ser estabelecidas antes de estarmos em condições de determiná-las.

Já nossa natureza física frequentemente se contrapõe ameaçadoramente, e ninguém ousa zombar de seus direitos.

É verdade que podemos superá-la; mas, então, nossa queda é ainda mais rápida, pois nos aventuramos a erguer um edifício sobre ruínas deterioradas, assim nossa vida inteira será uma luta infeliz entre o princípio mental e o físico. Mas aquele que é incapaz de conciliar os elementos em conflito dentro de si mesmo, como pode ele resistir ao ímpeto selvagem da vida, como pode agir com calma? E é só pela calma que podem surgir grandes e belas ações; é o único solo em que os frutos maduros se desenvolvem com sucesso.

Embora não consigamos trabalhar por muito tempo e raramente felizes com uma constituição física que não é adequada à nossa profissão, o pensamento, no entanto, continua a sacrificar o nosso bem-estar ao dever, a agir de forma vigorosa, embora nos sintamos fracos. Mas se nós escolhemos uma profissão para a qual não possuímos o talento, nunca poderemos exercitá-la com dignidade, logo perceberemos com vergonha nossa própria incapacidade e diremos a nós mesmos que somos seres inúteis, membros da sociedade que são incapazes de cumprir sua vocação. Então, a consequência mais natural é o autodesprezo, e que sentimento é mais doloroso e menos capaz de ser compensado por tudo o que o mundo exterior tem para oferecer? O desprezo de si mesmo é uma serpente que sempre corrói o peito, sugando o sangue de vida do coração e misturando-o com o veneno da misantropia e do desespero.

Uma ilusão acerca das nossas disposições para uma profissão que tenhamos examinado de perto é um delito que retorna contra nós vingativamente, e que, mesmo que não sejamos censurados pelo mundo exterior, desperta em nosso peito uma dor mais terrível do que essa censura poderia infligir.

Se considerarmos tudo isso e se as condições da nossa vida permitem-nos escolher qualquer profissão de que gostamos, podemos adotar aquela que nos assegura a maior dignidade, baseando-se em ideias de cuja verdade estamos completamente convencidos, o que nos oferece o alcance mais amplo para atuar pela humanidade, e para que nós próprios nos aproximemos do objetivo geral para o qual cada profissão é apenas um meio – a perfeição.

A dignidade é o que, acima de tudo, eleva um homem, que confere uma maior nobreza às suas ações e a todos os seus esforços, o que o torna invulnerável, admirado pela multidão e posto acima dela.

Mas a dignidade só pode ser assegurada por uma profissão em que não somos ferramentas servis, mas na qual atuamos de maneira independente em nossa esfera. Isso pode ser assegurado apenas por uma profissão que não exige atos repreensíveis, mesmo que repreensíveis apenas na aparência externa, uma profissão que o melhor pode exercer com orgulho nobre. Uma profissão que assegura isso no maior grau nem sempre é a mais importante, mas é sempre a preferida.

Mas, assim como uma profissão que não nos dá nenhuma garantia de valor desagradar-nos, certamente sucumbiremos sob os fardos de uma que se baseia em ideias que mais tarde reconheceremos como falsas.

Neste caso não temos nenhum recurso senão a autodecepção, e que salvação desesperada é aquela que é obtida pela autotraição!

As profissões que não atuam tanto na vida quanto se ocupam com verdades abstratas são as mais perigosas para o jovem cujos princípios ainda não são firmes e cujas convicções ainda não são fortes e inabaláveis. Ao mesmo tempo, essas profissões podem parecer as mais importantes caso tiverem fixado raízes profundas em nossos corações e formos capazes de sacrificar nossas vidas e todos os esforços pelas ideias que predominam nelas.

Elas podem conferir felicidade ao homem que tem vocação para elas, mas destroem os que as adotam precipitadamente, sem reflexão, cedendo ao impulso do momento.

Por outro lado, a grande consideração que temos pelas ideias nas quais a nossa profissão se baseia proporciona-nos uma posição mais elevada na sociedade, aumenta o nosso próprio valor e deixa nossas ações fora de qualquer suspeita.

Alguém que escolha uma profissão que valorize altamente estremecerá com a ideia de ser indigno dela; ele agirá nobremente, apenas porque sua posição na sociedade é nobre.

Mas o principal guia que deve direcionar-nos na escolha de uma profissão é o bem-estar da humanidade, e nossa própria perfeição. Não se deve pensar que esses dois interesses poderiam estar em conflito, que um teria que destruir o outro; pelo contrário, a natureza do homem está de tal maneira constituída que ele pode alcançar sua própria perfeição apenas trabalhando pela perfeição, pelo bem, dos seus semelhantes.

Se ele trabalha apenas para si mesmo, ele talvez se torne um erudito famoso, um grande sábio, um excelente poeta, mas ele nunca pode ser um homem perfeito e verdadeiramente grande.

A história chama de grandes homens os que se enobreceram trabalhando pelo bem comum; a experiência aclama como mais feliz o homem que fez o maior número de pessoas felizes; a própria religião nos ensina que o ser ideal a quem todos se esforçam para copiar se sacrificou por causa da humanidade, e quem se atreveria a anular tais julgamentos?



Se escolhermos a posição na vida em que podemos trabalhar ao máximo pela humanidade, nenhum fardo pode curvar-nos porque estes são sacrifícios em benefício de todos; dessa forma, não experimentamos alegria pequena, limitada e egoísta, mas nossa felicidade será a de milhões, nossos atos viverão silenciosamente, mas perpetuamente no trabalho, e sobre nossas cinzas serão derramadas as lágrimas quentes de pessoas nobres.

Correspondência: Carlos Eduardo Nogueira Facirolli. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus Marília. Av. Hygino Muzzi Filho, 737. Bairro: Mirante. Marília – SP – Brasil. CEP: 17.525-900. E-mail: facirolli.edu@gmail.com.

Apoio financeiro: Nenhum.

Conflito de interesses: Nenhum.

Todos os autores leram e aprovam a versão final submetida à revista Em curso.

Recebido em: 13/Abr/2018 - **Aceito em:** 22/Ago/2018.